

TEA e arte educação um olhar Cultura Hip-hop

Carla Gisele Corrêa Silveira¹;
Ana Cristina Ribeiro Silva²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – ccarlagisele@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – ana.cristina@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A motivação da pesquisa se deu no momento em que vivenciei o dia-a-dia da escola pública na educação infantil. Esta experiência me marcou pois percebi que muitos educadores não dão a real importância para a educação inclusiva e a equidade, e conseqüentemente não há abordagem ou qualquer conscientização dentro da comunidade escolar. Essa minha reflexão começou em 2023 ao descobrir que meu filho é autista, ou seja, possui transtorno do espectro autista (TEA), esse fato mudou minha percepção sobre as práticas pedagógicas acerca da inclusão e se tornou o objetivo deste trabalho.

No processo notei as preocupações de outras mães, o cuidado ou desdém de alguns educadores e como estes fatores se relacionam com a desinformação e a dificuldade em buscar formação específica, e como estes fatores afetam as relações escolares.

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2015).

Considerando a importância da inclusão na educação e como as artes visuais se comprometem com essa missão importante, destaco as influências dessas ideias transpassadas pela minha ligação com Cultura Hip-hop. Dessa maneira, exalto a necessidade da comunidade escolar se conectar a arte educação e a escuta ativa de forma inclusiva acolhendo todo(a)s o(a)s aluno(a)s, pois a inclusão se trata de conseguir alcançar o conhecimento juntos.

Segui refletindo a respeito do ocorrido, sobre o trabalho construído pelos jovens durante o semestre e que tinha um valor simbólico relevante para eles, pois era o elo com o passado, com as mortes de seus entes queridos, com a vida dura da Periferia. É preciso observar que havia a história de superação entre os jovens, por exemplo, quando me deparei com o jovem negro autista, participando de todas as atividades e até pediu para o colega escrever seus pensamentos; e com a jovem com surdez que dançou apenas sentindo a vibração do som; outro jovem que sofreu a perda do pai e conseguiu se expressar... Isso tudo serviu para nos unirmos em torno de um trabalho de reconstrução. (DIAS, 2019, p. 48)

A pedagogia Hip-hop (Dias, 2019) trata a inclusão de todas as esferas, respeitando a vivência do aluno e da comunidade escolar como um todo para assim gerar uma educação inclusiva e para que traga um ganho real e positivo para aquela comunidade em que ela está agindo, seja através da dança (*breaking*), ou da música (rap) ou a arte visual (grafite). Nesta pesquisa criei propostas pedagógicas através do grafite pois além de ser graduanda de artes visuais sou grafiteira e minha arte e pedagogia estão imersas na cultura Hip-hop e

na sua potência inclusiva e anti capacitista. Ideias que vão de encontro ao documentário "Anticapacitismo Negro e Luta Negra PcD de 2022: O capacitismo é um problema em nossa sociedade". Pessoas com deficiência (PcD) são, muitas vezes, invisibilizadas na imprensa, na publicidade, no mercado de trabalho e na arte. Mesmo após diversas batalhas por mais inclusão, ainda existem reparações necessárias e lutas a serem travadas por e para esta população.

2. METODOLOGIA

Como mãe neurotípica, utilizo a auto etnografia, pois ela me permitiu falar, explorar possibilidades e questionar as realidades que me rodeiam a partir do meu lugar de fala. Ou seja, usando minhas próprias experiências para refletir e tensionar o problema (seminário Auto Etnográfico e Pesquisa Sociológica, 2021).

Inspirada por esta metodologia, realizei uma observação e compartilhei um questionário com seis perguntas abertas com as professora que leciona no pré-1 e com a diretora da escola da rede municipal Nelson About, localizada no bairro Areal de Pelotas, para discutir como a arte educação influencia as abordagens de educação inclusiva na educação infantil. A todo tempo estou relacionando as minhas influências artísticas oriundas da Cultura Hip-hop, pois acredito que com ela há possibilidades essenciais para encontrar soluções para tornar nossa educação nas escolas mais inclusivas.

Além disso, utilizei imagens de um trabalho da disciplina de percepção tridimensional do curso de Licenciatura em artes visuais da UFPel, que me atravessaram neste momento da escrita e pesquisa. A proposta das imagens foi criar um objetos sensoriais, que simulasse as sensações e possíveis dificuldades que um aluno(a) que possui alguma neuro divergência e quais podem ser suas sensações no ambiente escolar não acolhedor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da observação, das conversas e das respostas do questionário pude refletir e conhecer a realidade da escola, ou seja, como é gerida a relação com a família, alunos, educadores e demais funcionários na escola. Observando este local do qual também faço parte como mãe atípica foi importante para entender que a escola pode se tornar uma potência e um porto seguro para as famílias que possuem crianças com TEA e precisam quebrar o próprio preconceito e aprender a sobre esse universo de luta contra o preconceito (capacitismo).

Segundo Giroto, Poker e Omote, 2012,p. 30. "Defendermos que existe relação próxima entre educação inclusiva e qualidade. Não pode haver qualidade numa escola que, de tanto perseguir a homogeneidade, acaba por se afastar dos valores que deve ter como escola para todos os alunos da comunidade em que se insere ponto não pode haver inclusão se a preocupação da escola for nivelar ("normalizar") o ensino para o adequar ao inexistente "aluno médio" uma educação que reporta a uma tipologia de aluno e que recorre a um leque restrito de experiência de aprendizado irá prejudicar por falta de qualidade e respostas alunos cuja motivações, capacidades e socialização os afastam do ritmo da maioria dos seus colegas" (RODRIGUES, 2007 apud GIROTO, POKER, OMOTE, 2012).

Essas discussões se manifestaram também em forma de objetos artísticos, abaixo trago trabalhos que criei na disciplina de Percepção tridimensional, (Centro de Artes,UFPEL) E trazem a tona as preocupações com a educação inclusiva:

Figura 1: Mochila simpática e lápis com espinhos



Fonte: Arquivo pessoal.

O primeiro objeto é uma mochila simpática, mas que esconde dificuldades para quem a usa, além de ser extremamente pesada em sua as alças possuem tampas metálicas que machucam os ombros de quem a coloca e só é possível notar ao usá-la, esse objeto criei pensando nos efeitos da falsa educação

inclusiva. Já o segundo conjunto de objetos são três lápis de cores que possuem alfinetes, pois aqui minha intenção foi simbolizar dificuldades que são notadas por outras pessoas, mas que no seu dia a dia o auxílio é negligenciado devido a rotina escolar e as demandas de outros alunos, pois muito aluno(a)s neurotípicos não possuem um acompanhante exclusivo em sala de aula, ou seja, muitas dessas dificuldades não são atendidas. Vale destacar que me inspirei nas dificuldades do meu próprio filho, onde uma delas é pegar do lápis.

4. CONCLUSÕES

Ao observar e interagir com os professores e demais profissionais da escola, verifiquei que há um interesse pessoal desses profissionais que apesar da falta de oportunidade ou de disponibilidade de tempo, pesquisam e se informam por conta própria, ou seja, de maneira geral buscam entendimento e soluções para lidar com a nova realidade da escola. Porém, neste contexto é inevitável a falta de procedimentos, infraestrutura e equipe, mesmo que a comunidade escolar esteja empenhada e voltada para encontrar soluções. Dessa maneira se confirma a necessidade e importância de cursos e especialização na área específica no atendimento de crianças neuroatípicas e apoio aos profissionais da escola para que os mesmos possam realizar os mesmos.

Pretendo expandir essa investigação para outras escolas da cidade de Pelotas para perceber se essas reações ocorrem em outras escolas de educação infantil da rede municipal. Pois até o momento, compreendo que não é falta de interesse dos professores em de fato conhecer a realidade das crianças neuro diversas, mas sim a ilusão que apenas a pesquisa por conta própria é o suficiente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Cristina Correa. A pedagogia hip-hop: consciência, resistência e saberes em luta. 1. Ed. Curitiba. Editora Appris, 2019.

RODRIGUES *apud* GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S.. (Org.). As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas. Marília/SP: Cultura Acadêmica, 2012.

Edições Câmara. Estatuto da pessoa com deficiência. Câmara dos Deputados (Série legislativa ; n. 200), 2015, Brasília. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/editora>

Autoetnográfica e Pesquisa Sociológica. Canal: @seminariosvirtuaisppgcso4910, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ToAWN4U1rRg?si=98oDsX-2ddCK1VBV> acesso dia 03/10/2024

Anticapacitismo Negro e Luta Negra PcD. Canal: canal Preto, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/akUUVCLmLoQ?si=sgDTjrOOLoudiDnL> acesso dia 03/10/202

